

Inovação ativa em jovens negros universitários: o trabalho crítico emancipatório na construção de identidades

Thainá Rocha da Silva

*Mestre em Comunicação pelo Programa de Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público. Docente na Universidade São Judas/Unimonte.
E-mail: thainarocha.89@gmail.com*

Priscila Ferreira Perazzo

*Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS. Coordenadora do Laboratório Hiper mídias/USCS. Lider do Grupo Memórias do ABC/USCS.
E-mail: prisperazzo2@gmail.com*

Resumo: Este artigo apresenta dados de uma pesquisa sobre como os jovens universitários negros e negras constituem suas noções de identidade e cidadania na sociedade midiaticizada. Nesse sentido, lança um olhar para o potencial das Oficinas de Trabalho Crítico Emancipatórias como instrumento metodológico promotor do empoderamento e inovação nas pesquisas do campo da Comunicação, apresentando roteiro estruturado para aplicação das oficinas e o percurso metodológico utilizado na pesquisa, bem como possibilidades de avaliação de resultados. Apresenta os participantes e as oficinas realizadas que operam como um guia do passo a passo que pode auxiliar outros pesquisadores a adotarem essa proposta.

Palavras-chave: negritude; comunicação; jovens; empoderamento; oficinas de trabalho crítico-emancipatórias.

Abstract: This study offers data from a research on how young Black university students constitute their notions of identity and citizenship in a mediatized society. Thus, it looks at the potential of critical emancipatory workshops as a methodological instrument to empower them and innovate research in communication, offering a structured script for the application of these workshops, the methodological route used in this research, and possibilities for evaluating its results. It describes the participants and the held workshops, working as a step-by-step guide which could help other researchers to adopt this proposal.

Keywords: Blackness; communication; young people; empowerment; emancipatory critical work workshops.

Recebido: 21/09/2021

Aprovado: 24/08/2022

1. INTRODUÇÃO

O ambiente universitário brasileiro não reflete a cor de sua sociedade. Se olharmos os dados apontados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua de 2016, 54% da população brasileira se autodeclara negra ou parda¹, mas ao analisarmos os corredores e salas de aula das instituições de ensino superior do país essa realidade não é transposta. De todos os universitários do país, aproximadamente 35% são pretos ou pardos, conforme aponta o gráfico a seguir:

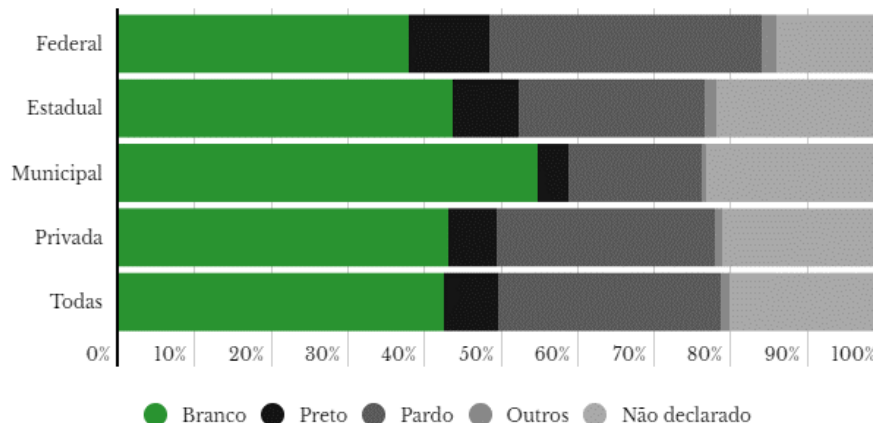


Figura 1: Proporção de negros por tipo de instituição de ensino superior

Fonte: Agência Lupa, baseado na Sinopse Estatística do Ensino Superior (2019)²

A desigualdade racial no ensino superior do Brasil também é apontada na pesquisa de Tatiana Dias Silva (2020), publicada pelo Instituto Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2020, e divulgada no site da Agência Brasil³ no mesmo ano. Essa pesquisa mostra que apenas 18% dos jovens negros entre 18 e 24 anos do país estão estudando ou concluíram o ensino superior, contra 36% dos jovens brancos da mesma faixa etária. Apesar das políticas públicas ampliarem o acesso de negros no ensino superior nos últimos anos, este número ainda está muito aquém do ideal⁴.

A temática da pesquisa gira em torno do racismo sofrido pela população negra no Brasil e trabalha de forma tangencial com estes temas ao longo de toda a produção. Por isso, convém conceituar o racismo estrutural e também o racismo institucional, na perspectiva do professor e jurista Sílvio de Almeida, o qual possibilitou entender as estruturas racistas da sociedade. Como racismo institucional, Almeida⁵ disserta que “o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, vantagens e privilégios a partir da raça”. Com as estatísticas dos crimes contra a população negra e os índices de desemprego e analfabetismo, pode-se inferir que as instituições públicas e privadas auxiliam neste processo de marginalização social e distanciamento do acesso aos direitos básicos para a população negra.

1 POPULAÇÃO chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. Agência IBGE, Rio de Janeiro, 24 nov. 2017. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acesso em: 22 abr. 2019.

2 AFONSO, Nathália. Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil. Lupa, Rio de Janeiro, 20 nov. 2019. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil>. Acesso em: 1 maio 2020.

3 CRESCE total de negros em universidades, mas acesso é desigual. Agência Brasil, Brasília, DF, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://agencia-brasil.abc.com.br/geral/noticia/2020-11/cresce-total-de-negros-em-universidades-mas-acesso-e-desigual>. Acesso em: 19 ago. 2021.

4 Idem.

5 ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

Sobre racismo estrutural, Almeida⁶ discorre a partir do conceito de racismo institucional:

A ação dos indivíduos é orientada, e muitas vezes só é possível, por meio das instituições, sempre tendo como pano de fundo os princípios estruturais da sociedade, como as questões de ordem política, econômica e jurídica. [...] Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social, e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra, e não exceção.

Assim, entender sobre os processos e mecanismos que envolvem e estruturam a sociedade é um importante passo para a análise dos contextos e falas obtidas durante as oficinas.

A educação é um ponto importante no processo de empoderamento, e este artigo apontará diversas falas sobre o acesso ao ensino superior como ponte para uma transformação nos jovens negros universitários e jovens negras universitárias, no sentido de se fortalecerem como pessoas negras no país, cientes de que suas trajetórias podem inspirar outras pessoas como eles a alcançarem esta posição. Neste sentido, uma potente ferramenta para o processo empoderador é a Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória (OTCE), utilizada como instrumento metodológico para coleta de dados da pesquisa, que se tornou essencial para a criação do *Guia Digital do Empoderamento Negro*, produto cocriado com os participantes da oficina para interferir no problema de realidade encontrado. A construção coletiva e o compartilhamento de informações foram pontos de destaque neste artigo. Importante salientar que as oficinas ocorreram em meio à pandemia, logo, tiveram que ser realizadas em formato virtual, na ferramenta Google Meet.

Por fim, discute-se o conceito de inovação ativa e como ele se conecta ao empoderamento promovido pelas OTCE, permitindo pensar um mundo onde a comunicação digital está latente e há uma profícua produção de conteúdo para a internet.

2. PERCURSO METODOLÓGICO PARA OBTENÇÃO DOS RESULTADOS

É importante salientar que os resultados e discussões abordados neste artigo são frutos da pesquisa sobre comunicação de interesse público entre jovens universitários para a elaboração de um *Guia Digital do Empoderamento Negro*⁷, desenvolvida junto ao Programa de Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), o permitiu lidar com as questões de Comunicação e de Educação. Nessa pesquisa contou-se com a participação ativa de oito jovens, sendo quatro homens negros, e quatro mulheres negras que cursavam a graduação num Centro Universitário da Baixada Santista, em diversos cursos. Muitos deles

⁶Idem. p. 38.

⁷ Para ver o *Guia Digital do Empoderamento Negro*, acesse: <https://drive.google.com/file/d/1u--kr-cuj--RWzx9qhkX282x4N-RhKVkTe/view>.

eram os primeiros de suas famílias a conseguirem ingressar no ensino superior, e passaram a ser referências para a família.

A pesquisa foi de abordagem qualitativa, de tipo exploratória, com coleta de relatos pessoais obtidos em oficinas de trabalho crítico-emancipatórias com participação e ação dos jovens universitários negros e negras. Devido ao contexto da pandemia de covid-19 todas as OTCE foram realizadas em ambiente online, via Google Meet, para preservar a saúde de todos os envolvidos. A princípio haviam sido planejadas em formato presencial, porém, foi necessário a atualização por conta da pandemia. Essa mudança no formato das oficinas trouxe tanto prós quanto contras.

Como prós, pode-se citar, principalmente, a possibilidade de conciliar agendas, evitar deslocamentos e eliminar a necessidade de providenciar local que pudesse abrigar a todos e todas, além de permitir que o encontro fosse gravado e revisto tantas vezes fosse necessário para a análise. Como ponto negativo, perdeu-se a presencialidade e as instantaneidades que podem surgir desses encontros, como a captura de reações e emoções que surgem com um trabalho presencial em conjunto. De forma geral, a experiência foi bastante positiva e satisfatória, entre as possibilidades que dispunha no momento, possibilitando o andamento da pesquisa tal como planejado, mesmo no momento mais crítico da pandemia.

As Oficinas de Trabalho Crítico Emancipatórias são importantes instrumentos de coleta e produção coletiva em pesquisas qualitativas. Segundo Fonseca, Oliveira e Fornari⁸, as OTCE surgiram na década de 1970, no movimento feminista, oferecendo às mulheres “um espaço de reflexão a respeito da matriz feminina e das relações de gênero a partir das suas experiências cotidianas”. Partindo dessa premissa, o compartilhamento de conteúdos voltados ao público negro e temas pertinentes aos jovens e à negritude são formas de se construir noções de empoderamento neste espaço de reflexão com as experiências cotidianas comuns entre os participantes.

Para melhor compreensão do processo adotado na pesquisa, apresenta-se o grupo de participantes. Os dados da coluna “Nome” foram escolhidos por eles e por elas, sendo uma variação ou apelido de seus nomes de registro civil:

Quadro 1: Participantes das OTCE da Pesquisa

Código	Nome	Idade inicial	Gênero com o qual se identifica	Cidade	Curso
Participante 1	Mila	21 anos	Feminino	Mongaguá	Publicidade e Propaganda
Participante 2	Gustavo	22 anos	Masculino	Santos	Publicidade e Propaganda
Participante 3	Esther	21 anos	Feminino	Santos	Design
Participante 4	Leo	21 anos	Masculino	Guarujá	Design
Participante 5	Elaine	22 anos	Feminino	São Vicente	Administração
Participante 6	Biel	23 anos	Masculino	Guarujá	Cinema e Audiovisual
Participante 7	Leticia	21 anos	Feminino	São Vicente	Psicologia
Participante 8	Renan	22 anos	Masculino	Santos	Direito

Fonte: Manuscritos da Pesquisa *Negritude Mediada: a comunicação de interesse público na construção do Guia Digital do Empoderamento Negro para jovens universitários* (2020).

8 FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes de; FORNARI, Lucimara Fabiana. Prática educativa em direitos sexuais e reprodutivos: a oficina de trabalho crítico-emancipatória de gênero. In: KALINOWSKI, Carmen Elizabeth; CROZETA, Karla; COSTA, Maria Fernanda Baeta Neves Alonso da (org.). **Programa de Atualização em Enfermagem: Atenção Primária e Saúde da Família – ciclo 6**. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2017. p. 62.

- A participante Mila é filha única, mora com os pais e trabalha, ainda, fora de sua área de formação. Seus pais vêm da região Nordeste e não possuem ensino superior.
- Gustavo também é filho único, mora com os pais, que são microempresários na cidade de Santos e não possuem formação universitária. Sua família vem, em partes, do Nordeste e de São Paulo.
- Esther é filha única, mora com a mãe, que é a única mãe de membros do grupo que possui formação superior. Faz trabalhos como *freelancer* na área do design e criação. Sua família materna vem da África e, atualmente, está distribuída pelo país, principalmente em São Paulo.
- Leo é filho caçula e possui um irmão. Mora com os pais e trabalha na área de design em uma empresa em Santos. Sua família é miscigenada.
- Elaine tem seis irmãos, sendo alguns por parte de pai, e outros por parte de mãe. Atualmente mora com a mãe e quatro irmãs. Trabalha, mas fora de sua área de formação. Sua família também é oriunda do Nordeste.
- Biel é o filho caçula de um casal nordestino que migrou para o litoral de São Paulo. Seu irmão mais velho é formado em Engenharia, ambos moram com os pais e trabalham na área.
- Letícia é filha única, adotiva, de um casal de pessoas brancas. Foi adotada ainda bebê e não possui contato com sua família de origem. Não trabalha na área e mora com os pais.
- Renan é filho único de um casal miscigenado. Trabalha na área, mora com os pais, e possui forte ligação com o pai, um homem negro.

Ainda na conceituação das OTCE, de acordo com Kroeff, Baum e Marachim⁹ “as oficinas constituíram-se como instrumentos importantes de pesquisa ao criar um campo coletivo”. Ao longo dos encontros, foi possível perceber que todos e todas contribuíam ativamente para a construção coletiva que se produzia como síntese das oficinas, num espaço democrático e não hierarquizado.

A fim de elucidar um pouco mais o processo percorrido na pesquisa, segue a descrição da organização das quatro OTCE, com uma breve explicação sobre o porquê de cada tema:

2.1. OTCE 1

- Apresentação da pesquisa;
- Apresentação da pesquisadora;
- Apresentação de cada participante, com nome, idade, cidade, curso, o que gosta de fazer nas horas vagas, e qual seu principal sonho;
- Segunda rodada de relatos: contar sobre suas origens, suas famílias, suas experiências passadas.
- Terceira rodada de relatos: contar sobre o momento em que se enxergaram como negros, e no que isso impactou em suas vidas e neles mesmos;

9 KROEFF, Renata Fischer da Silveira; BAUM, Carlos Alberto; MARASCHIN, Cleci. Oficinas como estratégia metodológica de pesquisa-intervenção em processos envolvendo videogames. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 252-266, 2016. p. 257.

- Quarta rodada de relatos: experiências e sentimentos quanto a discriminação e racismo (ou não);
- Quinta rodada: os participantes respondem a seguinte pergunta: eu me identifico com a história de “Fulano de tal (Outro participante do grupo)”, pois... A ideia dessa questão provocadora é instigar o relato que possibilite enxergar os pontos de semelhança entre as narrativas, construindo um painel semântico com as palavras e temas mais utilizados. E também responderão a seguinte pergunta: quando eu penso em mim, a imagem que me vem à cabeça é... A proposta dessa segunda questão provocadora é entender como o jovem se enxerga representado socialmente.

O intuito da primeira oficina foi criar um ambiente seguro, no qual todas e todos se sentissem à vontade dentro do grupo, entendendo os demais participantes como pessoas com experiências e vivências próximas devido aos seus atravessamentos, mesmo que com origens e jornadas distintas. O sentido de empoderamento social pelo exemplo poderia ser explorado ao entenderem-se e admirarem-se mutuamente.

2.2. OTCE 2

No segundo encontro a proposta era trazer a comunicação digital como pano de fundo da prática identitária. Nesse sentido, a proposta era entender o consumo de conteúdo nas mídias digitais e como estes conteúdos ou produtores e produtoras de conteúdo contribuíam, de forma direta ou indireta, para a construção de suas identidades culturais, “que são aqueles aspectos da identidade social que surgem do pertencimento às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais”¹⁰ Aqui, tanto o conteúdo, quanto às aldeias globais¹¹ constituídas por meio da tecnologia, contribuem neste processo de construção identitária.

- Exposição do tema: conceitos de consumo de mídia digital realizado por jovens, feito pela pesquisadora, com abertura dos participantes para comentários dos dados apresentados;
- Rodada de relatos sobre quais temas costumam consumir na internet;
- Segunda rodada de relatos: quais *sites*, *blogs*, canais e perfis voltados ao público negro eles visitam e com qual frequência;
- Terceira rodada de relatos: como eles chegam a esses veículos;
- Quarta rodada de relatos: os jovens devem responder à questão provocadora “se eu pudesse escolher um tema para gravar um vídeo para outros jovens negros, seria...”
- Compartilhamento de vídeos que exibam elementos da cultura negra, mostrando dificuldades e situações difíceis enfrentadas por essa população;
- Quinta rodada de relatos: expressar os sentimentos e sensações que foram evocadas com os vídeos;

10 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. São Paulo: Editora Lamparina, 2019. p. 9.

11 Conceito criado em: MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional; Editora da USP, 1972. p. 50.

- Compartilhamento de vídeos e textos que exibam elementos da cultura negra, mostrando negros e negras em posições privilegiadas e de poder;
- Sexta rodada de relatos: expressar sentimentos e sensações que foram evocadas com os vídeos;
- Sétima rodada de relatos: os jovens devem responder à questão provocadora: você já sofreu alguma discriminação ou preconceito *on-line*?
- Proposta de escrita: como a internet e as mídias sociais fazem você se sentir, sendo uma pessoa negra?

Como síntese dessa OTCE, é possível perceber que o consumo de conteúdos de influenciadores e personalidades negras, além da convivência com outros negros empoderados, faz com que esses jovens enxerguem sua própria beleza de uma outra forma, mais gentil e acolhedora. Faz com que os traços da dor causados pelo racismo devido às características físicas diminuam, como se pode ler na fala do participante Biel após assistir ao vídeo “Tour pelo meu rosto¹²”, da influenciadora Gabi Oliveira:

[...] eu achei ele bem legal, principalmente a parte do nariz, porque eu sempre tive muito problema com o nariz, sempre quis fazer rinoplastia, até que na faculdade as minhas amigas que são pretas falaram ‘por que que você quer fazer rinoplastia?’ daí eu ‘ah, porque eu não acho muito bonito’. Daí elas ‘ah, mas seu nariz está encaixando no seu rosto’. Daí eu fui começar a entender que meu nariz não é feio.

Essa situação também analisada no artigo produzido por Bianca Santana¹³, a respeito do conteúdo de um grupo no Facebook voltado para mulheres negras que:

As postagens e os comentários valorizam a beleza de cabelos e penteados naturais, compartilham dicas de cuidados e tratamentos e declaram uma identidade. Imagens acompanhadas de frases de efeito mobilizam bastante interação na rede, como por exemplo: ‘Meu crespo, minha identidade, minha raiz’, ‘Não é só cabelo, é minha identidade’.

O Participante Gustavo também fez um apontamento após assistir ao vídeo “Como sobreviver a uma abordagem indevida?”¹⁴ dos influenciadores Spartakus Santiago, AD Junior e Edu Carvalho. Foi possível perceber como a questão da violência policial une homens jovens negros ao redor do país. A sensação após a exibição do vídeo foi de compreensão sobre suas experiências vividas:

Eu também me identifiquei bastante com esse vídeo. Já fui abordado várias vezes pela polícia. Me identifiquei porque uma vez me ensinaram a andar sempre com o cupom fiscal das coisas que eu tinha, que era uma benção eu andar com o cupom fiscal. Não deveria ser necessário andar.

Ao se reconhecer nesta situação apresentada no vídeo, os participantes (principalmente os do sexo masculino) reforçaram os dados de realidade sobre a violência policial contra jovens negros no Brasil. Como num acordo tácito de sobrevivência a essa violência, que é 75% maior em jovens de pele preta

12 Disponível em: youtu.be/CEOvchPvvis. Acesso em: 8 nov. 2020.

13 SANTANA, Bianca. Mulher, cabelo e mídia. *Comunicare*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 132-144, 2014. p. 142.

14 Disponível em: youtu.be/eBdSBmTFR5g. Acesso em: 8 set. 2020.

ou parda nas grandes capitais,¹⁵ os homens negros se viram representados e praticantes de diversas ações contidas no vídeo.

Neste ponto, vale conceituar o termo *mediatização* no contexto da sociedade *mediatizada*. Conforme apontado por Hjarvard (2008)¹⁶, “o conceito-chave para a compreensão da influência da mídia na cultura e na sociedade é a *mediatização*”. Ainda de acordo com o autor:

Sob essa perspectiva, a *mediatização* não se refere a todos os processos pelos quais os meios de comunicação exercem influência sobre a sociedade e a cultura. [...] Ou seja, aqui nós usamos o conceito para caracterizar uma determinada fase ou situação do desenvolvimento global da sociedade e da cultura no qual os meios de comunicação exercem uma influência particularmente predominante em outras instituições sociais.¹⁷

Sendo assim, o conceito de *mediatização*, ou sociedade *mediatizada* aplicada à pesquisa e, conseqüentemente, a este artigo, é a influência e interferência dos meios de comunicações atuais, sobretudo a internet, no processo de constituição e construção identitária dos jovens negros universitários.

Esta OTCE teve o papel de promover um amplo debate sobre o consumo de mídia digital e o quanto o conteúdo feito por e para negros e negras era relevante para uma ação empoderadora e de construção de identidade.

2.3. OTCE 3

Para a terceira OTCE foram apresentados conteúdos mais densos, visto que nas outras duas oficinas o ambiente para o compartilhamento de ideias, entendimento e criação de um ambiente seguro e colaborativo já estava firmado. Com quase três horas de duração, o roteiro estabelecido foi:

- Breve apresentação dos três conceitos centrais da oficina: cidadania, negritude e empoderamento;
- Preenchimento de ficha digital com três colunas para cada tema, partindo das seguintes perguntas colocadas aos jovens participantes: “O que eu sabia sobre o tema? O que eu aprendi sobre o tema? Como eu me vejo neste tema (modelo a seguir)?”;
- Compartilhamento de relatos e informações dos arquivos preenchidos, com debate sobre as respostas;
- Primeira rodada de relatos: a partir da questão provocadora: “Quais pessoas negras que você considera empoderadas e por que você as enxerga sob essa ótica?”;
- Segunda rodada de relatos: a partir da afirmação ou negação provocadora “Eu me sinto empoderado porque [...] / Eu não me sinto empoderado porque...?”;
- Terceira rodada de relatos: a partir da afirmação provocadora: “A minha identidade negra é formada por estes elementos: (indicar os elementos)”;

15 NEGROS são 75% dos mortos pela polícia no Brasil, aponta relatório. *Estado de Minas*, [s. l.], 15 jul. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/07/15/interna_nacional,1167234/negros-sao-75-dos-mortos-pela-policia-no-brasil-aponta-relatorio.shtml. Acesso em: 10 maio 2021.

16 HJARVARD, Stig. *Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. *Matrizes*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012. p. 55.

17 *Idem*. p. 61.

- Quarta rodada de relatos: a partir da questão provocadora: “Como eu gostaria que as pessoas negras fossem representadas nas mídias sociais e internet?”;
- Proposta de escrita: “Como eu posso me posicionar e ajudar outros jovens negros a se reconhecerem como negros e empoderados?”

Em consonância com a proposta apresentada, ao final da OTCE os jovens se sentiram mais motivados a entender e a contribuir com a temática central, de forma mais aberta, explicando o que entenderam sobre os temas abordados, conforme quadro a seguir:

Quadro 2: Respostas sobre o tema Negritude

O que eu sabia sobre o tema	<i>Sabia pouco, tinha ideia do processo em si de abraçar as raízes negras e assumi-las, mas não muito mais do que isso. (Leticia)</i>	<i>Negritude é a valorização da cultura de matriz africana, o que fez que acontecesse muitos debates ideológicos e filosóficos. (Leo)</i>
O que eu aprendi sobre o tema	<i>Aprendi que negritude abrange os direitos de ser negro, representa quem eu sou e mostra que devo ser respeitada e ter orgulho de ser uma mulher negra. (Esther)</i>	<i>Aprendi que tem toda a representatividade e movimentos para mudar o reflexo do que aconteceu no passado, é ter mais pessoas negras no poder, não ter mortes de pessoas negras (do nada) e tentar mudar muitas outras coisas que acontece no mundo. (Gustavo)</i>
Como eu me vejo inserido nesse tema	<i>Me vejo tentando descobrir mais sobre uma coisa que me diz tanto a respeito, quanto a negritude. Que irá me cercear a minha vida toda. (Leticia)</i>	<i>Acho que o entendimento pessoal de quem eu sou e de como o racismo funciona para alguém negro de pele clara, ter empatia e analisar toda história. (Leo)</i>

Fonte: Manuscritos da Pesquisa *Negritude Mediada: a comunicação de interesse público na construção do Guia Digital do Empoderamento Negro para jovens universitários* (2021).

Essa OTCE foi de extrema importância para entender que mesmo os conceitos epistemológicos e conteúdos teóricos podem ser trabalhados de forma satisfatória e proveitosa numa oficina de trabalho, com a produção de síntese rica e coletiva. Foi importante criar um vínculo prévio com outros assuntos, mais ligados ao dia a dia do grupo, pois ao serem expostos ao conteúdo dessa OTCE, os participantes já estavam a par do processo de produção de conhecimento coletivo, e não se sentiram assustados e assustadas diante das complexidades teóricas abordadas.

2.4. OTCE 4

Para o roteiro desta oficina, foi proposto inserir menos atividades motivadoras, para que se fizesse uma síntese do processo das OTCE como um todo e, também, propor o produto de intervenção na sociedade, que, no caso da

pesquisa em questão, foi o *Guia Digital do Empoderamento Negro*. Então, o roteiro estabelecido foi:

- Relembrar o processo realizado nas oficinas;
- Resgatar os referenciais teóricos apresentados;
- Apresentar painel semântico construído;
- Primeira rodada de relatos: o que os participantes acharam da pesquisa;
- Segunda rodada de relatos: qual o sentimento em participar da oficina;
- *Brainstorming*: sugestão de alterações no produto que podem surgir com os dados coletados, frente à relevância do tema e impacto em suas vidas. Seleção das propostas viáveis de produção.

A ideia central era mostrar que, de fato, todo o trabalho foi construído em conjunto. Empoderar-se e também produzir algo que fizesse sentido para outros jovens como eles. Foi possível verificar nas falas destes jovens o empoderamento provocado pelas OTCE:

No meu caso, eu não tenho exatamente uma conexão com a minha ancestralidade, porque eu não sei de onde ela saiu [a participante é adotada], mas eu tentar, agora na idade adulta, me aproximar disso, das minhas raízes negras e tudo o mais, é uma coisa muito importante. Então, ver esses links, falar sobre isso, mesmo que eu não tenha pais, por exemplo, negros, tem sido interessante e enriquecedor para mim. (Letícia)

No meu caso, eu até falei na primeira oficina, que eu não conhecia muito a história do meu pai, daí, depois eu fui falar com ele, e a gente conversando, daí ele me falou que o irmão dele era filho de índio, e eu tenho uma sobrinha que também é filha de índio, então eu fiquei ‘caraca, como é que pode?! Vinte e dois anos aqui e eu não sabia disso. Então, se não fosse a oficina, eu não ia procurar saber. (Elaine)

Constatou-se que ao serem expostos ao que foi produzido nas oficinas, tiveram noção da quantidade de produções e conexões realizadas nos três encontros anteriores. Estavam ainda mais empolgados e participativos. Empoderados.

3. EMPODERAMENTO: DA RAIZ AOS FRUTOS

Ao digitar a palavra “empoderamento” em buscadores da internet, veio de retorno milhares de sites, conteúdos, imagens e informações diversas. Tal proficuidade de significados é apontada pela acadêmica Joice Berth e a partir desta autora que essa análise se baseou para a definição do termo. Embora a autora discorra sobre as mais diversas definições que existem sobre o termo “empoderamento” em seu livro, considerado que:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e. por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor.¹⁸

Tendo por base o conceito de empoderamento de Berth, pode-se perceber que empoderamento de um indivíduo é quando ele se entende como pessoa no mundo, dono de sua história, de sua trajetória e dono de si. Este empoderamento é catalisador para uma transformação social: jovens negros universitários e jovens negras universitárias, empoderadas podem ajudar a empoderar outros jovens negros e negras que passam a poder se enxergar neste lugar onde outros chegaram, o de um estudante de ensino superior.

A questão motivadora do empoderamento como reflexo aspiracional de um grupo social pode ser notado na fala da participante Elaine, que, ao relatar uma experiência vivida com sua irmã mais nova e uma amiga da irmã, é apontada como sendo uma pessoa inteligente, pois, nas palavras da irmã, ela “faz até faculdade”:

Em casa, no sofá com a minha família e talz (sic), minha irmã perguntou “aí, quanto é isso dividido por isso aqui”, e eu dei a resposta pra ela. Uma amiga da minha irmã falou “nossa, como ela é inteligente”, e daí a minha irmã falou “ela faz faculdade”. São detalhezinhos que a gente vai pegando e trazendo para nós. Ainda estou me moldando, mas, enfim, com as raízes que eu tenho, com o meu passado, eu me vejo em evolução.

Como exposto anteriormente neste tópico, os jovens tiveram contato com o conceito de empoderamento na OTCE 3, com vistas ao conceito proposto por Berth, e puderam produzir seu próprio entendimento sobre o tema, a partir de questões motivadoras propostas. Sobre este ponto, o quadro a seguir apresenta algumas das reflexões apontadas pelo grupo, transcritas da forma como foram enviadas:

Quadro 1: Respostas sobre o tema Empoderamento

<p>O que eu sabia sobre o tema</p>	<p><i>Tinha um conhecimento meio raso a respeito, praticamente uma ideia generalizada do tema. Que pra mim, dizia respeito a abraçar a sua causa e passar a ter voz ativa quando se diz respeito a isso. (Leticia)</i></p>	<p><i>Sabia que esse termo era utilizado para representar como uma pessoa se sente, sobre seu físico e/ou mental. (Esther)</i></p>
<p>O que eu aprendi sobre o tema</p>	<p><i>Que pode prover bem-estar emocional para o indivíduo, que é uma noção moderna que ajuda a direcionar o indivíduo no próprio entendimento de si mesmo e do que defende. (Leticia)</i></p>	<p><i>Que empoderamento é uma palavra que já foi muito utilizada para diferentes causas, mas todas elas têm um mesmo contexto, buscar direitos iguais a todos, ter orgulho e resistir. (Biel)</i></p>
<p>Como eu me vejo inserido nesse tema</p>	<p><i>Vejo a mim mesma, que de forma recente, tenho tentado entender questões a respeito da minha própria cultura e aprender como defender e passar esses ideais. (Leticia)</i></p>	<p><i>Que cada vez mais eu posso me tornar uma pessoa com o domínio sobre a minha própria vida e as minhas escolhas, me empoderando do que eu tenho direito. (Biel)</i></p>

Fonte: Manuscritos da Pesquisa *Negritude Mediada: a comunicação de interesse público na construção do Guia Digital do Empoderamento Negro para jovens universitários* (2020).

De acordo com o exposto, a noção de empoderamento trabalhada e assimilada pelos jovens foi a de “dar e manifestar poder, estendendo este poder pessoal para um grupo social”.

Ao serem questionados e questionadas sobre pessoas que consideram empoderadas e como são inspirados e inspiradas por elas, os seguintes nomes foram citados: membros da família, amigos, Beyoncé, Iza, Thais Araújo e Lázaro Ramos. Pode-se pensar, então, que o grupo familiar e o círculo de amigos representam o grupo social aos quais o jovem faz parte e tanto empodera quanto é empoderado, enquanto os artistas que os inspiram são pessoas negras de sucesso, que conquistaram carreiras de destaque em áreas de domínio de pessoas brancas. São como modelos a serem seguidos, pessoas ocupando espaços que esses jovens pensam em ocupar.

Um ponto de atenção durante as oficinas foi sobre o papel empoderador da universidade na vida destes jovens: os participantes Leo e Biel, por repetidas vezes, trouxeram a vivência universitária como situação em que se viram empoderados. O participante Renan trouxe a questão de que gostaria de estudar mais teóricos negros e negras em seu curso, para ter contato “com outras pessoas iguais a ele”. Esther relatou que costumava sorrir ao passar por outro estudante negro no corredor, pois eram poucos, e ela queria mostrar a estes estudantes que também estava ali. Sobre este tópico, pode-se considerar o proposto por Berth¹⁹:

[...] o empoderamento tem a contestação e o novo em seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro. [...] Empoderamos a nós mesmos e amparamos os outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual e coletivo.

Ao pensar o empoderamento de um jovem negro e de uma jovem negra, pensa-se no empoderamento de todo este grupo social, que se estenderá para sua família, amigos e amigas.

4. INOVAÇÃO ATIVA

Pensar em inovação é essencial quando se trata de pesquisas no campo da comunicação e das ciências sociais. Conceituar, porém, o que é inovação, é essencial para que se possa traçar estratégias e fazer melhores escolhas metodológicas para tal. Segundo Rossetti²⁰, a palavra pode ser conceituada como “o efeito ou o ato de inovar. Assim, pode ser pensada como substantivo (o novo) ou como verbo (inovar)”. Rossetti propõe oito categorias de inovação na comunicação, com base nas categorias aristotélicas, as quais pode-se checar na figura a seguir:

19 BERTH, Joice. Empoderamento... Op. cit., p. 153.

20 ROSSETTI, Regina. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27, p. 63-72, 2013. p. 65.

Categorias aristotélicas	Atos de inovação	Efeitos da inovação	Termos semelhantes	Categorias de inovação
Substância	Criação Invenção	Inédito Original Novo	Renovação Recriação Cocriação Transubstanciação Experimentação Legítimo Genuíno Singular	Inovação substancial
Qualidade	Alteração Transformação Modificação	Novidade	Movimento Mutaçao Transmutação Transmudação Reformulação Deformação Metamorfose Transfiguração	Inovação qualitativa
Quantidade	Multiplicação	Múltiplos	Variação	Inovação quantitativa
Relação	Diversificação Diferenciação	Diverso Diferenciado Diferente	Dessemelhança Incomum Alteridade	Inovação relativa
Lugar	Salto Tradução Transposição		Transverter Adaptação Transportação	Inovação espacial
Tempo	Evolução Ruptura	Primeiro Primordial Matricial	Desenvolvimento Aprimoramento Aperfeiçoamento Progresso Incremento Corte	Inovação temporal
Ação	Sujeito inovador			Inovação ativa
Paixão		Objeto inovado		Inovação passiva

Figura 2: Categorias de Inovação para os setores da Comunicação

Fonte: ROSSETTI, Regina (2013), p. 68.

Ainda de acordo com Rossetti²¹, a inovação ativa “é a inovação pensada como ato em que o processo faz surgir o novo e diz respeito à ação de inovar, a ação de tornar novo, renovar. Diz respeito também ao agente inovador, isto é, o sujeito que inova e, nesse sentido, a inovação está no sujeito como seu princípio”.

Com base na análise das categorias apresentadas, pode-se propor que o processo de empoderamento, que provoca significativas transformações no sujeito, corresponde a inovação ativa. Uma vez que o indivíduo passa pelo processo de empoderamento, torna-se alguém novo, e é esta a perspectiva apresentada pela inovação ativa: algo que ocorre em cada indivíduo, tornando-o alguém “novo”.

As Oficinas de Trabalho Crítico Emancipatórias também promovem a inovação ativa, como se vê na fala de Gustavo: “*Eu comecei a seguir essas duas (influenciadoras) e mais outras vocês foram falando também comecei a seguir as pessoas que vocês estavam comentando né, aí eu achei interessante também*”.

Pode-se supor que as OTCE promovem a produção de trabalhos que estimulam o pensamento crítico dos participantes, emancipando-os (como previsto no próprio nome da ferramenta metodológica), empoderando-os e promovendo a inovação ativa, sendo esta última, uma consequência do empoderamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor elucidar um problema de pesquisa complexo e repleto de atravessamentos, pode parecer mesquinho respondê-lo somente com o suporte teórico,

21 Idem, p. 70.

visto que as autoras não fazem parte do grupo estudado. Escolher a ferramenta metodológica que me permite um contato com o grupo de participantes para além da coleta dos dados pareceu correta e motivadora, pois a construção coletiva permitiu acompanhar e orientar o processo, mas o resultado principal seria individual: o processo de empoderamento é uma experiência única, mesmo que compartilhada. O que cada um passou e sentiu ao longo das oficinas é intransferível, porém, com modelo replicável com as ferramentas adequadas.

Entender as OTCE como um importante instrumento para pesquisas nos campos da Comunicação e Educação pode permitir aos pesquisadores ampliar horizontes com relação a essas questões sociais, em conjunto com os participantes, utilizando-se de um planejamento que permite a execução focada no compartilhamento, desenvolvimento de pensamento crítico e inovação ativa nos sujeitos.

Para além das pesquisas, as OTCE são plenamente possíveis de serem aplicadas em salas de aula ou em cursos de extensão universitária, permitindo que mais e mais jovens negros – e também de outros grupos minorizados – empoderem-se e conquistem cada vez mais espaço no mundo, entendendo a complexidade acerca do empoderamento, e suas diversas definições.

Por fim, a prática das OTCE promove a inovação ativa também nos pesquisadores que se propõem a utilizá-las, uma vez que o contato com o processo de condução das oficinas e as jornadas vividas pelos participantes é uma experiência transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Nathália. Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil. **Lupa**, Rio de Janeiro, 20 nov. 2019. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil>. Acesso em: 1 maio 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Editora Polén, 2019.

CRESCER total de negros em universidades, mas acesso é desigual. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/cresce-total-de-negros-em-universidades-mas-acesso-e-desigual>. Acesso em: 19 ago. 2021.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes de; FORNARI, Lucimara Fabiana. Prática educativa em direitos sexuais e reprodutivos: a oficina de trabalho crítico-emancipatória de gênero. *In*: KALINOWSKI, Carmen Elizabeth; CROZETA, Karla; COSTA, Maria Fernanda Baeta Neves Alonso da (org.). **Programa de Atualização em Enfermagem: Atenção Primária e Saúde da Família – ciclo 6**. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2017. p. 59-119.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. São Paulo: Editora Lamparina, 2019.

HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012.

KROEFF, Renata Fischer da Silveira; BAUM, Carlos Alberto; MARASCHIN, Cleci. Oficinas como estratégia metodológica de pesquisa-intervenção em processos envolvendo videogames. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 252-266, 2016.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional; Editora da USP, 1972.

NEGROS são 75% dos mortos pela polícia no Brasil, aponta relatório. **Estado de Minas**, [s. l.], 15 jul. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/07/15/interna_nacional,1167234/negros-sao-75-dos-mortos-pela-policia-no-brasil-aponta-relatorio.shtml. Acesso em: 10 maio 2021.

POPULAÇÃO chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. **Agência IBGE**, Rio de Janeiro, 24 nov. 2017. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acesso em: 22 abr. 2019.

ROSSETTI, Regina. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27, p. 63-72, 2013.

SANTANA, Bianca. Mulher, cabelo e mídia. **Communicare**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 132-144, 2014.

SILVA, Tatiana Dias. **Ação afirmativa e população negra na educação superior: acesso e perfil discente**. Brasília, DF; Rio de Janeiro: IPEA, 2020.